

Viagens de Sarney só revelam crise do PDS

22 FEV 1981

Da sucursal de
BRASÍLIA

A missão Sarney já está apresentando os seus primeiros resultados: tornou clara ao governo e à opinião pública a divisão do PDS, irremediável em certos Estados, e as dificuldades que o partido enfrentará, por causa disso, nas eleições de 1982. As viagens do senador também provocaram um acirramento da discussão sucessória e o primeiro a perceber isso foi o governador do Ceará, Virgílio Távora, que pediu a Sarney que adiasse a visita ao seu Estado.

Atualmente, Távora está preocupado em eleger a nova Mesa da Assembleia e a presença do senador em Fortaleza poderia agravar a fragmentação das diversas alas em que se divide o PDS cearense.

A presença de Sarney nos Estados serviu para que muitos de seus líderes aproveitassem a oportunidade para amplificar seu descontentamento em relação ao desempenho dos governadores e fizessem ameaças de deserção no pleito de 1982.

Os maiores problemas que o partido enfrenta se situam, com frequência, em regiões onde ele tem escassas possibilidades de escapar de um revés e se devem, às vezes, ao excesso de lideranças tradicionais, à existência dos chamados comandos paralelos e à resistência de grupos conservadores.

Num balanço inicial, as dificuldades pedessistas mais agudas se localizam no Pará, superadas pelo rompimento do governo federal com o governador Alacid Nunes, na Paraíba, em Pernambuco e no Rio, embora não sejam desprezíveis noutros Estados.

No Pará, o governo optou pelo emarginamento do partido e pela marginalização do grupo do governador que se abrigou no PTB e poderá vir a formar com o PMDB do deputado Jader Barbalho na sucessão, a fim de infligir uma derrota ao governo e à facção de seu líder, Jarbas Passarinho, na iminência de ser promovido à presidência do Senado.

Na Paraíba, o problema partidário remonta à própria designação de Tarcísio Burity — um Scholar, sem qualquer vivência política, ligado ao falecido José Américo de Almeida, para o governo estadual. Na convenção, ele enfrentou a candidatura de Antônio Mariz, que, desgostoso com seu resultado, se alinhou no PP. Hoje, a resistência ao chefe do Executivo se expandiu. Tem contra si até Francisco Pereira, deputado estadual há 30 anos e que nunca ficou contra o governo. O deputado Joacil Pereira, ligado à facção mais conservadora do partido, o grupo Velloso Norges e o suplente de senador biônico, Maurício Leite. O biônico Milton Cabral, os deputados Antônio Gomes e Wilson Braga, na intimidade, também se opõem a Burity, embora não se manifestem publicamente contra ele.

Recentemente, o governador paraibano foi derrotado na disputa da presidência da Assembleia pelo grupo mais tradicionalista do PDS, aliado ao PMDB e PP locais.

Hoje, Burity sofre ainda restrições de Wilson Braga, 1º secretário da Câmara e candidato ao governo estadual, depois que insinuou a possibilidade de apoiar a volta do ex-senador e ex-governador João Agripino, do PP, ao governo do Estado. "Vamos obrigar o governador a aceitar o candidato do partido. Ou se ajusta ao PDS ou sai dele" — diz Joacil Pereira, assegurando que o Palácio do Planalto apóia os deputados que divergem do governador.

Em Pernambuco, onde são mínimas as possibilidades de o PDS coeso fazer o sucessor de Marco Antônio Maciel, pelo voto popular, surgiu recentemente grave ameaça de cisão de parte do ex-governador Moura Cavalcante, quando da eleição da Mesa da Assembleia. Chefiando grupos mais conservadores do Estado, Cavalcante tentou um levante contra a orientação de seu sucessor que só foi salvo graças à ajuda que lhe deu o PDT do ex-ministro de João Goulart, Oswaldo Lima Filho. Apesar dos desmentidos públicos, há quem preveja o distanciamento cada vez maior de Cavalcante do Palácio das Princesas, o que é péssimo para um partido fraco, porque o ex-governador ainda dispõe de certo prestígio entre prefeitos do Interior.

No Rio, de o PDS é ainda mais pobre de votos, o que não lhe faltam são caciques. De um lado, se encontra o médico Guilherme Romano, usando e abusando do nome de ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Golbery do Couto e Silva. Do outro, o deputado Leo Simões, alegando falar em nome do presidente João Figueiredo, de quem é amigo pessoal. O comando paralelo de Romano humilha o veterano biônico Amaral Peixoto, que deixou o MDB pelo PDS, através de gestões do falecido Petrônio Portella e toda a classe política. O senador Hugo Ramos é outro que constantemente hostiliza Amaral Peixoto. Totalmente marginalizado pelo governo federal, se encontra o ex-presidente da Câmara, deputado Célio Borja, expressão do pensamento liberal do País.

As visitas de Sarney tornaram patente o que ninguém ignorava. Compactado artificialmente, o PDS abriga lideranças que se hostilizam mortalmente e que, nos tempos de abertura e na disputa do pleito direto, dificilmente terão condições de marchar juntas com o mesmo candidato ao governo de seus Estados. Ela tem, pelo menos, um mérito, desestimular no Palácio do Planalto uma auto-suficiência e uma euforia com relação ao futuro eleitoral que não parece ter base nos fatos.